

25 DE JULHO DE 1993

NOTÍCIAS
MAGAZINE

DESTACÁVEL
PALÁCIOS

SÃO BENTO

CÂMARA DE LORDES E COMUNS

Texto de **Cristina Baptista**
Fotografia de **C. Vieira da Cruz**
e **Fernando Borges**

Altivo e imponente: é como apetece chamar ao Palácio de São Bento, a um tempo convento de frades beneditinos — os mais cultos entre os seus pares — e mais tarde Palácio das Cortes. Apesar de não estar instalado num ponto alto, a supremacia do edifício em relação aos que o rodeiam é evidente. Da Praça de São Bento avista-se uma nesga do Tejo e o casario parece organizar-se em função do palácio, fazendo como que uma reverência: aqui estamos nós, edifícios baixos e plebeus, a prestar homenagem ao edifício nobre da Assembleia da República, câmara de lordes e comuns.



A escadaria nobre dá acesso aos Passos Perdidos

Barbosa de Melo junto da sua peça favorita, uma república de Anjos Teixeira



Quando António Moreira Barbosa de Melo sobe, todos os dias, pela manhã, a escadaria do Palácio de São Bento e se dirige ao 2º andar do edifício, onde se situa o seu gabinete de trabalho, lança em torno de si um olhar “que não é inocente”. Natural de Lagarés, Penafiel, o seu olhar é o de um forasteiro que considera Lisboa parte integrante da identidade do país. “Não sou como alguns teóricos, que julgam que podem imaginar Portugal sem Lisboa. Isso é uma toleima” — afirma, com convicção.

Barbosa de Melo, presidente da Assem-

bleia da República, segundo cargo da hierarquia do Estado, eleito a 7 de Novembro de 1991, remata a sua apreciação sobre Lisboa com uma confissão que surpreende. Com o tom de quem, durante muitos anos, deu aulas e se habituou a ensinar aos mais novos, faz a ligação com a afirmação anterior e diz: “Lisboa é tão obra portuguesa como Coimbra, que também D. Afonso Henriques conquistou aos mouros”. E conclui, em tom divertido: “Só tenho pena de, quando chego aqui à janela, não ver faluas no Tejo”.

Não escapa numa conversa informal com este homem de formação jurídica e de impressionante currículo, nomeadamente no Direito Internacional Público, a importância

que atribui à carga simbólica que o edifício contém. Passaram por ali pessoas ilustres, tribunos consagraram os seus nomes para a posteridade (Hintze Ribeiro, Afonso Costa, Bernardino Machado, que entre outros têm os seus bustos em bronze no átrio principal). Políticos de carreira, na sua maioria, mas também filósofos, escritores, artistas e outros, gente comum.

O presidente da AR fala devagar, medindo cuidadosamente as palavras, quando se lhe pergunta se é mais simpático trabalhar num palácio como o de São Bento do que num edifício novo, construído de raiz para a função. “Onde é simpático trabalhar é naquilo que a gente gosta. Seja em que sítio for”. Mas

vai mais longe: “Quando a função que se exerce é simbólica, e a do presidente da Assembleia da República tem o seu coeficiente de simbólico, também tem de se estar rodeado de um símbolo materializado, à vista de todos. Este palácio desempenha essa tarefa. Do povo português, da nossa capacidade de congregar coisas diferentes na mesma unidade. É isso que faz o país uno que somos”.

Laços antigos

O passado do edifício apresenta um significado especial para Barbosa de Melo: é ➤





Fachado principal

que, "por razões que não vêm ao caso", tem ligações aos beneditinos. São laços antigos. E chama a atenção dos visitantes para as afinidades entre a parte monumental do Palácio de São Bento e outros dois edifícios, construídos a partir do traço do mesmo arquitecto, no princípio do século: a sinagoga de Lisboa e a igreja de Santa Luzia, em Viana do Castelo. "Olhem para a escadaria: a dinâmica geral da entrada é a mesma".

O gabinete de Barbosa de Melo é o ponto de partida para uma visita guiada pelo espaço animado do palácio. Sem ser grande, é bem dimensionado, faz com que uma pessoa não se sinta ali perdida. O dia de trabalho começou às 9h30, dez horas. Barbosa de Melo trabalha sentado a uma das duas secretárias do gabinete, muito arrumada, com os papéis e canetas alinhados, o telefone ao alcance da mão. "É por este que atendo os meus amigos". "E inimigos, também lhe telefonam?". A pergunta não deixa o interlocutor desarmado. Não, normalmente não telefonam. E diz ainda, depois de hesitar um pouco: "Talvez adversários. Um ou outro inimigo. Mas adversários todos temos. Mau era se não os tivesse, alguém passar pela vida sem ter de se confrontar com outros!".

Imprevisto e surpresa

Em dias de plenário, Barbosa de Melo conta os minutos. Não gosta que os deputados esperem no hemiciclo e faz questão da pontualidade britânica a inaugurar as sessões. Por isso almoça no palácio, de acordo com o raciocínio de que "almoço é trabalho". Deixa o gabinete cerca das oito da noite, para jantar em casa. A refeição da noite, essa sim, já é considerada momento de lazer, a fruir depois de um dia cheio. A presidência dos plenários exige-lhe muita energia? — quisemos saber. "Exige atenção", corrige Barbosa de Melo. E continua: "Sem dúvida que a atenção não se consegue manter sem uma significativa dose de energia... É preciso estar atento a tudo. Não há dois plenários iguais. Possuem o seu jogo próprio, com imprevistos e surpresas de toda a ordem. É preciso estar atento a tudo isso, sob pena de não se poder desempenhar a tarefa que é exigida a quem dirige o plenário. Nos pontos conflituais, quando a razão parece ceder passo à emo-



ção, uma palavra é necessária para fazermos o controlo do processo".

Para Barbosa de Melo, estar no centro nevrálgico da vida do país pode considerar-se "gratificante". "As polémicas mais significativas passam por aqui", lembra. E continua: "É viver num sítio onde se pode participar, mais ou menos discretamente, no desenvolvimento de uma discussão de ideias. Emocionante? Talvez, mas com a idade as emoções esbatem-se. Gratificante, diria eu".

Beleza portuguesa

A conservação patrimonial do Palácio de São Bento cabe a uma equipa na qual o presidente da AR deposita inteira confiança. Mas isso não significa que se envolva pessoalmente. No que diz respeito ao seu gabinete, por exemplo, confessa-nos que está "tal e qual o encontrei e nada trouxe para aqui; antes expulsei algumas coisas". As peças "expulsas" fomos encontrá-las numa sala contígua. São duas telas muito semelhantes, representando cenas de guerra, num todo escuro e tétrico. Barbosa de Melo preferiu um óleo amplo e luminoso, pendurado por



cima do sofá de veludo verde, onde se senta para conversar com os seus convidados. Representa uma mulher jovem e bela, rodeada de crianças e onde se vê ainda um sementeiro. "Reparem que é um ciclo de vida que começa, símbolo da força, uma obra de grande qualidade".

Não se faz rogado a apontar as suas peças favoritas nos corredores do palácio. Uma delas está muito perto da porta do gabinete, a caminho dos Passos Perdidos. É uma república de mármore, da autoria de Anjos Teixeira, que teve por modelo Ilda Pulga, "uma beleza muito portuguesa". Outra peça digna de destaque é o enorme relógio de pé, peça única no Mundo, que há algum tempo deixou de dar as horas. O presidente da AR lamenta-se: "Gosto muito dele mas, infelizmente, não possuo talento de relojoeiro, ao contrário do meu antecessor, que cuidava muito bem dele". Os ponteiros estão invariavelmente parados nas onze menos dez.

Vai-se encaminhando para os Passos Perdidos, onde não tarda a começar mais uma sessão. A ala que ladeia a sala do plenário, cheia de claridade, é para muitos a zona ➤



Painéis alusivos à expansão portuguesa decoram o salão Nobre

Entre hortas e pomares

Entre hortas e pomares foi construído o Mosteiro de São Bento, residência de beneditinos, desenhado pelo arquitecto Baltazar Álvares, no final do século XVI. Com a extinção das ordens monásticas, passou para o Estado em 1834 e foi, então, destinado a sede do Parlamento. Chamou-se, então, Palácio das Cortes.

Possidónio da Silva foi o arquitecto encarregado das obras de adaptação necessárias. De acordo com o projecto, a sala do capítulo transformou-se em Câmara dos Pares; a antiga biblioteca dos frades tornou-se Câmara dos Deputados. Esta disposição, no entanto, não seria, ainda, a definitiva. A Câmara dos Deputados, destruída por um incêndio no final do século passado, em 1895, foi substituída, no local da capela do convento, pelo que é hoje a sala das reuniões plenárias.

Como as outras em volta, esta sala baseia-se no projecto de Ventura Terra; a parte externa do palácio mantém-se fiel ao estilo do antigo convento.

Por ter resistido relativamente incólume ao terramoto, em 1755, o marquês de Pombal resolveu transferir para ali a Patriarcal, que tinha ruído completamente. Ainda como consequência do sismo, o guarda-mor da Torre do Tombo propôs que o Arquivo Nacional se mudasse para São Bento, o que veio a suceder em 1757.

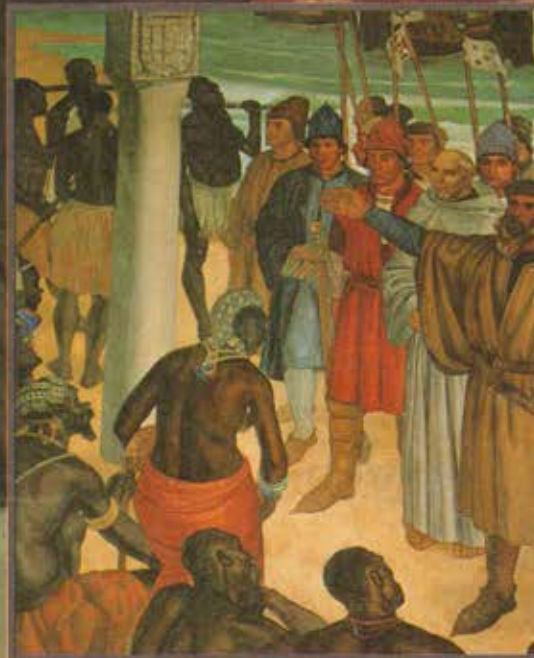
O mosteiro serviu, entre outros fins, para prisão, hospedaria, refúgio, sepultura de estranhos. O poeta Bocage, perseguido e detido às ordens do Santo Ofício, conheceria naquele edifício as agruras da prisão, em 1787. Desde 1834 ali funcionaram as Cortes (até 1910); a Assembleia Constituinte (1911); o Congresso da República (1911-1926); a Assembleia Nacional e a Câmara Corporativa (1935-1974); a Assembleia Constituinte (1975-1976) e, desde 1976, a Assembleia da República. ●

➤ mais nobre e mais bonita do edifício. Ponto de passagem obrigatório de visitas a São Bento.

A sala das sessões é o centro do que se passa ali; o acesso faz-se pela escadaria nobre, com guarda de honra quando há visitantes ilustres. No cimo, painéis de Martins Barata. Estes não rivalizam, no entanto, com os de Columbano, nos Passos Perdidos, o mais prodigioso documento da sua pintura, representando notáveis da nossa História, de D. Dinis a Herculano. Deixando os Passos Perdidos entra-se, finalmente, na sala das Sessões, inaugurada no princípio do século, construída em hemiciclo e onde a decoração é mais elaborada. No salão Nobre, anexo à varanda, o visitante parece estar num pacato clube inglês, não fossem os painéis que decoram as paredes e que representam os diversos momentos da expansão portuguesa, também de Martins Barata.

Não se pense que o património do Palácio de São Bento reserva apenas herança das gerações anteriores: ainda recentemente foi instalada na sala do Senado uma tapeçaria, alusiva às representações territoriais, inspirada numa gravura do século XIV e executada pela Escola de Portalegre. Herança, sim, e do tempo dos frades beneditinos, são os dois sinos que se expõem ao fundo do átrio, ou o antigo refeitório dos primeiros residentes, recentemente restaurado. A ala, ao nível do rés-do-chão, só foi descoberta quando se desalojaram dali as estantes da Torre do Tombo.

À despedida, o presidente da AR fala como um inquilino orgulhoso do património que o rodeia e, com sorriso franco, confessa: "Gosto muito de estar aqui". ●



Os diversos momentos dos descobrimentos portugueses no traço de Martins Barata